



A SENTINELA

Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR—A. Fernandes

ADMINISTRADOR,
Alberto F. Machado

EDITOR,
Marcelino Fernandes

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO COMPOSTO E IMPRESSO NA
Rua de Camões, 55 & Typ. Minerva Vimezanense

I ANO Guimarães, 15 de Outubro de 1916 NUMERO 2

Quarenta contos

O snr. Tinôco tinha as suas exquisitices, é certo, mas ao mesmo tempo era uma excellente creatura, temente a Deus e respeitador do próximo, e um dia, resolvendo casar a sobrinha, propalou aos quatro ventos que lhe daria quarenta contos de dote.

Quarenta contos, meninos!... Quarenta contos!...

Ao chegar tão sorridente nova aos tympanos da bella di a rapaziada, esta poz a bocca em O, esbugalhou os olhos e lá vão os pretendentes ás duzias, aos cardumes, como as bogas em maio, rondar a porta do homem do milho, afim de captivarem o coração da menina por quem sentiam já espontaneo affecto e a mais desinteressada e assolapada das paixões...

Houve muita scena de ciume, muita bengalada, muita troca de sopapo, pancadaria de crear bicho, mas, por fim, um dosapai-

xonados, o Venancio, rapaz esbelto e sympathico, valente como as armas, que sorria dos perigos e escarnecia da morte, tanta lambada distribuiu, que pôz os rivaes em fuga, e ficando sosinho em campo, que é o que mais convem a quem não gosta de aliados n'estes casos, tratou, por conta do futuro dote, ou seja dos quarenta contos, de se enfarpelar o melhor que pôde.

E assim, Venancio amigo, foi ao Londres e mandou fazer um frak e umas calças do melhor panno inglez; no Periquito adquiriu um par de botas de chevreau, ultimo grito da arte do tirapé e do cerol, e no Freitas da Porta da Villa tantas promessas e rogos fez, que sempre conseguiu levar um collarinho de ida e volta, um peitilho, um par de punhos de duas côres e um plastron do mais fino e requintado bom gosto.

Venancio ficou um brinco, um amor, um perfeito lord, embora um lord sem uma de X para mandar tocar um cego. Emfim, um lord como há muitos...

E assim encadernado lá foi o nosso dandy collocar-se em frente das janellas da menina do cacau.

Eram onze horas pela medida velha e por cima do hotel da Penha a lua era plena, cheia.

Esteve... esteve... tossiu... tornou a tossir... e como as janellas continuassem fechadas, tomou o expediente de afinar a garganta e erguendo a cabeça e pondo os olhos em alvo, entoou, numa voz sentimental e toda tremeliques, esta trova, velha como a Sé de Braga:

*Abre-te, janella de oiro,
Coração salta cá fora;
Anda ver o teu amor
Que chegou agora, agora.*

Remedio santo! Expediente genial!

Ainda as ultimas notas echoavam no espaço e já a uma das janellas apparecia o vulto da menina Rosalia, linda e meiga sobrinha do snr. Tinôco.

O nosso Venancio ao enxergar a eleita do seu coração, o anjo dos seus sonhos, a pomba dos seus anhelos, levou a mão ao côco, fez um rasgado salamaque e deitou falla. A principio gaguejou, mas passada a commoção e acanhamento proprios do primeiro rendez-vous d'amor, animou-se, entusiasmou-se e a pa-

Camisas e gravatas — Casa Elegante
Antiga Chapelaria Martins

lavra começou a correr-lhe em verdadeiras catadupas de eloquencia... Catadupas que semelhavam as cataractas do Niagara ou as aguas do Selho talando os campos da Pisca!...

Venancio estava inspiradissimol Venancio sentia-se verdadeiramente rethorico!..

E taes coisas bonitas conseguiu dizer naquella noite e nas seguintes, de tal forma se soube insinuar que a pequena, linda rosa em botão e d'uma ingenuidade sem par, deixou-se embalar pelas taes florsinhas de rethorica e prometteu a mão de esposa áquelle por quem se sentia presa pelo biquinho, como se costuma dizer.

O Venancio, logo que ouviu o almejado «sim», ficou radiante: bailou... pulou... cantou—parecia mesmo um tolinho—e ao fim de dois ou três mezes de aturado gargarejo, disse á sua bem-amada que, se ella concordasse, a iria pedir a seu querido e extremosissimo tio.

—Quando tu quizeres, meu amor.

—E's um anjo!

—E tu um cherubim!

—Então, se me auctorisas, virei já amanhã pedir a tua mão, que é a eburnea mãosinha d'aquella por quem ha muito meu peito ancea e a minha alma suspira e chora.

—Eburnea!... Anceia!... Suspira e chora!... *Que bem que fallas*, meu amor!... Dize-me, adorado Venancio:

Terás assim sempre palavras meiguinhas para mim? E' sincero o teu amor?!

—Sincero?!... O' filhinha!... Não duvides! Sou incapaz de palavras fementidas e caricias enganadoras!...

—Juras, então, ser meu, todo meu, quando tu fores o meu marido e eu a tua mulhersinha!

(*Nesta altura o Venancio toma «pose», indireita o collarinho, anedia a melena, «limpa-se da poeira» e sem entrar no salão, afina outra vez a garganta e dis-*

para esta suarissima canção ri-brante de amor e de... ternura:)

*Amo a Deus no ceu,
Amo-te a ti com brio;
Amo no campo as flores
E as «massas» do teu tio.*

—E's uma philomena!.. Pa-reces mesmo, mesmo, nm rouxinol a trinar por entre os salgueiraes!...

(*Venancio todo envaidecido e agora mais dramatico:)*

—Sim; sim, meu amor. *Nunca t'afflijas!*... Só deixarei de amar-te, de querer-te mais do que ás meninas dos meus olhos, quando a minha alma der entrada na mansão dos justos e o *cadaver do meu corpo* fôr servir de manjar aos horripilantes vermes da fria terra d'Atougúia!

—Como estás bombastico! Que linguagem!... Que expressões!... Como eu t'adoro!... Oh! bemdicta, mil vezes bemdicta, a hora em que me levantei do leito para escutar o teu melodioso madrigal!

—Bemdicta, digo eu, a hora em que chegou ao meu conhecimento o rasgo generoso de teu excellentissimo tio.

—Como és bom!...

(*Era uma hora da madrugada, a lua continuava o seu passeio e parecia gargalhar de tão grande ingenuidade.*)

—Não achas que são horas?

—Sim; effectivamente já é um pouco tarde. Até amanhã; boa noite.

—Muito boa noite.

—Olha.

—Dize.

—Não te esqueças de prevenir teu tio. Adeus, minha bella.

—Adeus, meu amor.

.....
Tlin... tlin... tlin...

—Quem é?

—E' o Venancio.

—Queira subir, snr. Venancio.

—Como está vossa excellencia? Passou bem?

—Bem, muito obrigado. E o snr. como vae?

—Felizmente, não ha mal que me chegue.

—Folgo, folgo... *Sentae vos e dizei.*

—Eu vinha... vinha...

—Já sei... já sei... Quer casar com a minha sobrinha e vem pedir o meu consentimento; pois não é verdade?

—Se vossa excellencia não se oppuzer... se vossa excellencia não fôr contra...

—Qual contra nem qual cabaça! Não só não me oponho, como até levo em gosto. Pois então.

—Vossa excellencia penhora-me...

—E já que veio pedir o meu consentimento, já que chegamos á falla, é dever meu descrever-lhe o dote da sua noiva.

São quarenta contos!...

—O' snr Tinoco!... Que incommodo!... Que bondade!... Que amavel!...

—Oíça: A minha sobrinha está muito bem educadinha.

—Isso sei eu... já percebi...

Tem bom génio, é simples e modesta; sabe ler e escrever corretamente pela orthographia antiga, conhece um pouco de Systema Metrico e toca piano muito regularmente; sabe fazer uma camisa, umas ceroulas, pontear, deitar uns fundilhos, confeccionar os seus vestidos e a respeito de cosinhar é mesmo o que se chama uma belleza. Faz uns petisquinhos que é d'uma pessoa lamber o beico e ficar a chorar por mais.

—Sim?! E eu então que gosto tanto... eu que sou tão lambareiro...

—Aborrece andar todos os dias do caco para o caquinho e do caquinho para o caco; é avessa a bailaricos, a salsifrés, a visitas e não vae na *fita* dos cinematographos porque embirra solemnemente de espectaculos sem luz.

Ora tudo isto sommadinho, dá a linda quantia de trinta e cinco contos.

(*Venancio começa a transpirar e a mastigar em secco.*)

As senhoras devem trajar de preferencia os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo—Tailleur da Avenida—GUIMARÃES.

Mas... que vejo?!... O sr. Venancio parece que ficou mambuzio?!
—Ora essa!...

—Seja franco.
—Elle... elle...
—Falle... diga.... desembuche...

—Para fallar a verdade... se os contos fossem corridinhos... batidinhos...

Ainda não acabei. Temos nós trinta e cinco contos...

—Trinta e cinco contos?!...
—Escute: Com cinco que lhe entregarei no dia do hymineu, perfaz aquella quantia que lhe chegou aos ouvidos.
Convem-lhe?

(Venancio animando-se:)
—E' um amor de raiz... Sinto-me tão apaixonado pela sobrinha de vossa excellencia...

—Adeus, adeus, meu amigo... Deixemo-nos de lérias, de paixões e de platonismos. Se lhe serve, muito bem; se não lhe convem, é melhor ser franco e está a visita arrumada. Pense, pense e lembre-se do dictado: *Antes que cases, olha o que fazes.*

Depois não venha para cá com lamurias, choradeiras, que de choradeiras e lamurias estou cheio como um ovo. Não venha depois dizer-me que o pãozinho está a quinze tostões... as sardinhas a tres ao pataco... as batatas pela hora da morte e que o Jordão augmentou ao preço da luz... Tome bem sentido: Eu depois não quero saber de desgraças...

—O' sr. Tinôco.
—Falle.
—Os quarenta contos, que por signal são cinco, são mesmo batidinhos ali á flôr?

—Em notas de cem, de cincoenta e alguma prata.

—E libras?
—Libras?! De libras está você livre. Olha libras neste tempo!.. Você sempre tem cada uma!.. Valha-te Deus, Venancio!... Vae-te agarrando ao papel e á prata e já andas com muita sorte.

Quer que chame a sua noiva?

—Se me fizesse esse favor.
—O' Rosalia! Rosalia!
—Meu querido titi.
—Anda c'abaixo.

(Entra a menina Rosalia.)
—Rosalia, aqui tens o teu noivo. Ama-lo?

—O' s'amo!
—E' de teu gosto casar com elle?

—O' s'é!
(Venancio ultra comovido:)
—Rosalia, Meu amor! Serás sempre a minha estrella!

—E tu, Venancio, serás sempre o meu satellite!

(O velho Tinôco com a experiencia da idade:)

Ha-de ser isso!... Casem-se, casem-se.

* * *

LIVROS

Serão annunciados gratuitamente todos os exemplares que nos forem oferecidos.

Da minha quinzena...

ENTRAMOS, numa das noites ultimas, num café situado numa das principais ruas da cidade.

Não o nomeamos. Não entramos lá com o sentido de tomar café e comer uma torradinha com manteiga. Nada disso! O tempo não vai para goludices! Isso sim! Tudo caro! Mas continuemos e deixemos o caso das subsistencias entregue ao sr. Guedes d'Oliveira. Entramos porque a voz de uma debil criancita, de carnes magras, e a de um trovador já alcoolisado, nos despertaram a atenção.

A' volta destas pessoas, seguramente, estavam umas vinte de varias classes sociaes.

A canção era em dialogo e, segundo os nossos apontamentos apanhados á pressa, reza isto:

Creança:

—Minha terra! quem lhe dera
Ter um parque arborisado,
Igual ao desta cidade,
P'ra descansar um bocado.

Homem:

—Um bom parque arborisado
Esta terra o ha de ter:
Quando um dia de nevão
D. Sebastião vier...

Creança:

—Minha terra! quem lhe dera
Um palacio acitadino,
Como o ha em Guimarães,
Pelo ultimo figurino.

Homem:

—Um palacio acitadino
Esta terra o ha de ter;
Quando D. Sebastião
Num cavallo apar'cer...

Creança:

—Minha terra! quem lhe dera
Uns carritos a vapor,
E p'ra se chegar aos altos,
Tambem um elevador;
Guimarães já disto têm
Por que é terra de valor!

Homem:

—Electricos, minha filha,
Nunca aqui os has de ver,
Nem p'ra Penha elevador
A cidade o hade ter,
Só se D. Sebastião
Seu regresso resolver...

Creança:

—Minha terra! quem lhe dera
Um bairro para os seus pobres,
Como o ha nesta cidade
Cheia de ricos e nobres!

Homem:

—Um bairro para os seus pobres
Esta terra o ha de ter,
Mas só para quando el-rei
D. Sebastião vier...

E enquanto a multidão aplaudia os artistas num grito furioso, do nosso canto, bradamos: *apoiado! apoiado!* Do lado contrario, um sujeito qualquer, já alegrinho, gritou: *Vivam os projectos dos Vimaraneses!*

Soube, em seguida, que a povoação onde a criança pertencia, e que não tinha melhoramento algum, é conhecida por *Frossos!*

E a cidade de Guimarães pela de *'Projectos!*

E, ao sairmos do café, ouvimos, ainda bem nitida, a voz do guitarrista:

—Paleios e mais paleios,
Promessas e mais promessas:
De diversos cavalheiros,
De varias ócas cabeças!...

ZÊ NINGUEM.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Conferia-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

O quadro

PERDOE-NOS aquelles a quem o recordar factos passados é lembrar casos tristes e mexer na corda sensível dos seus corações.

Mas ha que discutir:

São varias e desencontradas as opiniões acêrca do destino levado por aquelle quadro do mais celebre pintor, iamos a dizer mundial e quasi não erravamos, que reproduziu maravilhosamente a nossa montanha da Penha.

O bandido, o sicario que assim apunhalou uma alma de artista, que via sorrir por entre brumas côr de rosa, a sua immortalidade, a sua gloria, não pode deixar de ser um gatuno de casaca e luva branca; ainda que use soccos!

Talvez que um d'esses neurasthenicos embebidos na poesia e na arte, e por vezes no rascante, ao contemplar o retrato colorido da montanha dos seus sonhos, o aprazível logar dos seus devaneios poeticos, sentisse um desejo louco de o possuir, de o apertar contra o seu peito, de o beijar sofregamente, de o trincar até.

Pois, como é que V. Ex.^{as} queriam que um gatuno de pé descalço e cheio de andrajos, pensando nos dias que não comeu e remexendo nos bolsos onde só encontra algodão, se atrevesse, num momento de loucura, de faca na mão, pé ante pé, cuidadoso em não se esbarrar num mólho de guarda-soes que o denunciasse, o fosse roubar e depois offerecer a um antiquario que o não via coberto de pó como as garrafas de vinho da Companhia Velha, ou então fosse adornar o seu covil miseravel com uma tela que elle não comprehendia e muito menos o interessava?!!

Não, presados leitores, aqui ha um equívoco e quem assim pensa, trilha mau caminho.

Eu tenho quasi a certeza que neste momento em que V. Ex.^{as} leem estas mal alinhavadas con-

sidereções, num aposento luxuoso, cheio de arte, um desgraçado poeta, soluçando, está ajoelhado ante o santo da sua devoção—a mysteriosa tela—cuidadosamente alumiado por duas velas de cêra e perfumado com raminhos de violeta, que lhe dão o aspecto d'um passo em tempo de quaresma.

Mas, vamos ao melhor; V. Ex.^{as} já sabem que uns dedicados amigos do pintor e da arte offerecem ao desalmado auctor de tal proeza, caso elle o restituia, uma fortunazinha, um dotezinho de encher o olho?

Mas, os senhores amigos de Peniche, são dos que me parecem enganados; pois o quadro representa para elle gatuno de luva branca a maior fortuna, e eu achava mais acertado ir descurtinar um detective, um Sherlok, um diabo qualquer que nos restituísse a nossa preciosidade.

Neste sentido, eu creio, já foram tomadas algumas providencias taes como a de guarnecer as fronteiras e mandar passar uma busca minuciosa aos ateliers dos artistas, templos d'arte, etc.

Nota-se porém um certo desanimo, e são raros os jornaes que falam nisto, inclusivé o do tal jornalista muito nosso conhecido, o que tambem não tem desculpa.

O malfadado artista, esse, continua recebendo innumerous telegrammas de... pesames, e em signal de luto, estão encerradas as portas de todos os negociantes falidos.

*

A ULTIMA HORA

Depois de impressa a noticia acima, chega-nos ao conhecimento que pelo correio foi endereçado a Sua Magestade o Rei da Grecia (Cristas) o tão falado quadro.

Preparam-se grandiosas manifestações, e desde que tal foi conhecido teem subido ao ar dezenas de varas de guarda-soes que

diabolicamente viraram (termo brasileiro) em foguetes.

E? nos grato dar conhecimento de tão extraordinario facto, bem como de enaltecer as qualidades de S. M. que immediatamente o mandou entregar ao seu dono.

Ao illustre pintor, os nossos mais sinceros parabens, aconselhando-o ao mesmo tempo que depois de tão graves complicações será bom S. Ex.^a nada mais produzir, pois para sustos já basta, e a maioria da gentinha que habita esta cidade sofre muito do coração.

JOANES D'ANJOS.

DOIS ASNOS

Um cavallo que tinha o rei no bojo,
Disse ao magro jumento de um moleiro:
—Da minha raça tu! causas-me nojo;
Tu fazes rir; és menos que um sendeiro.

A mim me adornam selas e xaireis,
Magnificos arreios e gualdrapas;
Em mim cavalgam príncipes e reis,
Homens de guerra e belas damas guapas

E tu, que sobresaes pelas orelhas,
Sôbre essa albarda que te adorna a espinha
Que leva, asno? diz. Canastras velhas,
Teu dono: um ôdre, ou sacos de farinha.

—E' verdade o que dizes—disse o burro,—
Sou humilde, nem pompas alardeio;
Mas trago a boca livre, e livre zurro.
E tu, pedaço de asno, andas de freio.

JOÃO PENHA.

Plebiscito de A "Sentinela,"

(a concurso)

O QUE E' A SAUDADE?

N. da R.

No proximo numero publicaremos as condições do concurso.

Só será aceita uma resposta de cada concorrente.

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu glanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida,"

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

EM FOCO



VAGUEAVA eu pelas ruas deste risonho canteiro do chamado Jardim da Europa, envolvido na mais hedionda nostalgia do amor, carpindo crueis saudades que me desfacelavam o coração, quando, num dado momento, o som melodioso e rythmado d'um piano, que, cortanda suavemente a branda aragem da noite, se repercutia ao longe em doces madrigaes, me veio fazer despertar d'esse profundo lethargo.

Aquella musica tão divinal, que parecia elevar-me o pensamento nas azas chimericas da phantazia, vinha ferir-me o coração qual setta d'amor perdida!

Parei... escutei donde partiam tão lindos quam suaves trechos musicaes!

Era Maria de Lourdes, que, num arrebatamento d'alma, deslisava suas niveas mãos de fada sobre o fino teclado de marfim d'esse marivioso instrumento das sallas!

Maria de Lourdes!
Como é formoso o seu nome!
Como elle exprime bem claramente quam immaculada e pura deve ser a sua alma!

D'aquelle seu olhar tão terno resplandece, em doces requiebrros d'amor, a luz vivificante da bondade.

Nos seus labios tão pequeninos como rubros, veem-se brincar constantemente sorrisos meigos e acariciadores.

Por certo que o pensamento humano não poderá imaginar apothéose mais sublime, para representar em vulto a Belleza.

SEGREDO.

SEM paciencia... Carneiro; mas nesta galeria de illustres hão-de passar, um por um, os retratos de todos os que, pela sua conduta, o merecerem.

U. Ex.^{aa} já o conheceram, não?

Pois, se para conhecê-lo, basta olhar-lhe para a vitrine!...

—?!

—U. Ex.^{aa} admiram-se?

Para a vitrine, sim, senhores.

Pois o que é a cara dêle, senão uma montra de cabeleireiro, em que êle expõe, para irritar o indigena, as barbas á guize, á passapiolho, á Grancisco José e até, com licença de U. Ex.^{aa}, á Alfa zêma?!

Mas isto não obsta a que a cupula dessa vitrine encerre fósforo, mesmo muito fósforo e que palmo e meio abaixo, á esquerda de quem desce, se encontre um coração diamantino, onde se alberga uma alma bôa, alevantada e nobre.

Viajou pela estranja. Correu Séca e Mêca e vales de Santarém e voltou ao ponto de partida, cheio de saudades deste canteiro do Jardim da Europa á beira-mar plantado.

Tem barro e rocha no nome, mas isso não quer dizer que não seja um distinto estudante de Direito na velha fábrika de sábios das margens do Mondego.

Até já nos lembrou nominal-o, quando êle estiver endireitado, advogado-mór cá de "A Sentinela"!

PIR AMBULA.

Ridendo corrigo mores

Oh luar da meia noute;
Quão lindo não é o teu brilho!
Esses sorrisos de luz
São os olhos de meu filho.

LEÃO MARTINS.

AFRONTA semelhante, francamente, nunca supuz viesse de ti mesmo como de caricata, feia, a esmo proveniente fosse dontra gente.

Ludibriado fui quando de amigo completei o teu nome entre os demais buscando no colega dos jornais um abraço que achei ao dar contigo.

Meio palerma, agora reconheço que a estima que te dei não tinha preço e fôra um relaxoso atrevimento!

Pois és capitalista já de filhos que te elevam ao luar de intensos brilhos sem me dar's a saber do casamento?!...

* * *

Achei uma pasta preta e um calção de estudante entre duas camisolas no fundo duma estante.

ADOLFO FOSCÔA.

Ainda o relógio da Basilica

A local que sob a mesma epigraphe publicamos em o nosso primeiro numero fez um verdadeiro successo e todos, sem distincção de côres, gostaram e louvaram a bisca que aqui largamos ao iniciador da subscrição para a compra do relógio da torre de S. Pedro.

Imaginem vossas excellencias, que até o sr. padre Antonio Monteiro, leu e releu a nossa local, e não só não embatucou com a piada dos zimborios, mas até nos deu razão, chegando a dizer que, mais dia menos dia, a colocação do relógio seria uma realidade.

Ora nós que conhecemos o genio ao sr. padre Monteiro, não duvidamos em affirmar que vamos ter um relógio, embora, provisoriamente, seja um relógio de sol, d'aquelles que custam um pataco, ali no estabelecimento do Silva, da rua de Mata Diabos.

Do mal o menos.

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

Agradecendo

A todos os nossos presados colegas, que tiveram palavras carinhosas ao noticiarem o nosso modesto jornal, os nossos agradecimentos.

Até parece incrível

O nosso João de Deus, solícito correspondente d'esta cidade para *O Primeiro de Janeiro*, que costuma andar sempre bem informado a respeito de tudo e caprichar em notícias em primeira mão, só na passada quinta-feira noticiou o nosso nascimento!

Parece impossível, mas é verdade!

Elle que é tão solícito!...

Elle que é todo amabilidades, todo salamaleques, todo mezuras, que para todos tem sempre um bocadinho de *manteiga*, ás vezes bem rançosa, só depois de passados doze dias é que se lembrou de participar aos seus leitores a nossa feliz *delivrance*!

Qual o motivo de tão grande demora, amigo Joãozinho?!

Porque te demoraste a dizer que tínhamos vindo á luz; que a parturiente estava bem, muito obrigada, e que o neophito era mesmo as ventas do papá?

Porque foi, João amigo, que durante doze dias nos feriste com a lamina do esquecimento, não nos dando a honra de figurar ha mais tempo no noticiário das tuas epistolas para o *Janeiro*?

Não nos querias chamar robusto menino? O' filho! chamasses-nos formoso nené ou interessante trambólho. Trambólho estava mesmo a calhar, estava mesmo ao pintar da faneca, não só por ser uma palavra espalhafatosa e algo bombastica, mas tambem por estar pouco estropeada, graças a não te teres lembrado de a trazer para companhia das *gualdras* do teu desopilante *car-net-mondain*.

Se, porém, elle (elle trambolho) tivesse a má sorte de dar á costa logo ao nascer, o nosso solícito informador vestiria de dó e noticiaria aos quatro ventos, todo pezares, todo sentimentos, todo prantos, o triste desenlace, o infausto acontecimento.

Mas *A Sentinela* não morreu, nem morre jámais, por que foi belamente acolhida o que sincera e quasi comovidamente agradecemos.

A Sentinela vive e viverá eternamente, não para fornecer *manteiga*, mas tão sómente para dar elogios aquem os mereça e cascar de rijo, sem dó nem piedade, naquelles, que, a exemplo do snr. João de Deus Pereira, emprega ad-

jectivos mirabolantes e, porque não dizelo? tantas vezes mal cabidos!

Mas basta de pilherias.

João de Deus, de quem somos particular amigo, por ser um excellent moço, ha-de desculpar-nos esta nossa rude franqueza e permittir que lhe demos um abraço, não só como agradecimento pelos seus cumprimentos embora um pouco serodios, mas tambem como prova de boa camaradagem e sincera amizade jornalística.

Deixa ver esses ossos.
Chi-coração!

Respostas ao inquerito

I

«Que delicia não é andar com o rustico em meio dos seus trabalhos e folguedos, ouvir, pela madrugada, as primeiras badaladas das Aves-Marias...»

CARMENIN

Respondendo ao vosso interessante inquerito, eu prefiro viver nas poeticas regioens da Rusticidade.

A aldeia é o paiz do Lyrismo, do Sonho, da Ingenuidade. Na aldeia ha Silencio, Amor e Religião,

Na aldeia tenho:

«Meu laranjal em flor sempre adorante,
Minha tarde de amor, meu dia ardente,
Minha noite de estrelas rutilante.»

Nela encontramos tudo que é assombrosamente belo, suave e divinal: as belas e sensuaes camponezas que nos encantam voluptuosamente com as suas carnes purpúreas e roliças, que nos fascinam com os seus olhares ingenuos e expressivos.

Ah! o quanto é delicioso viver no campo.

A cidade é um Abysmo, é o Cahos, é a terra da Hypocrisia e do Egoismo. E' a patria da Podridão, da Lama, do Vicio e do Odio. As senhoras, ou as gentis damas, são de aspecto cada-verico, tuberculoso, definhadas como velas de cera...

Não teem valor esthetico, porque não possuem formosura.

As camponezas, essas sim! Possuem o sentimento do bello: natureza forte, sã e sensual. Eu adoro a aldeia com todos os seus atractivos.

Quinta da Mata, 1916.

ALFREDO FELIX.

Assambarcadores

Consta-nos que os assambarcadores do milho, e outros cereaes começam outra vez a deitar as garras de fóra, não temendo o castigo da auctoridade, nem se importando tão pouco com a desgraça do povo, que, a continuar assim, não levará muito tempo que o vejamos a debater-se com a maior miseria.

A ser verdade, chamamos a attenção do sr. administrador do concelho para tal assumpto, e confiados ficamos em que s. ex.^a saberá tomar as providencias que o caso requer.

Não os poupe, sr. administrador, dê-lhes como quem dá em centeio verde.

E vós assambarcadores do diabo, creaturas sem Deus e sem coração, tende cuidado, muito cuidado...

Vós que tendes apenas por *deus* o dinheiro, por norma a ganancia e por divisa a exploração, lembrae-vos de que a fome não tem lei... e que o povo deixará de ser generoso e bom, quando se vir a braços com a miseria, ou seja a fome negra a mais horrorosa de todas as miserias.

Tende, tende muito cuidado...

A paciencia tem limites e um dia pode cair a casa...

Mas, perguntarão vossas senhorias, cá na nossa terra tambem temos d'isso?!

.....
Abaixo os assambarcadores!
Abaixo!

«A Sentinela» encontra-se á venda, no Kiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independencia.

Cinemas

High-Life e Chantecler

Hoje a sensacional película militar em 3 partes

DEFESA DE VERDUN

Noticias da Guerra

Foram descobertos milhares de alemães entrincheirados nos milhões de buracos da Avenida Cndido dos Reis.

Em vista disso, o governo da Republica resolveu suspender as garantias naquêle logar, não se responsabilizando pelas vidas das pessoas que se vejam obrigadas a passar ali.

Mais resolveu mandar á América uma missão militar aprender o curso práctico de Calcearia para, findo êle, (que apenas durará uns dez anos) mandar couraçar a paralelipedos o pavimento da retro-mencionada Avenida.

*

Em homenagem á heroicidade de Verdun, vai ser dado o nome daquela praça forte á Praça de S. Tiago.

*

Consta ao «Morning Post» que o nosso Mariano resolveu já não terminar com a esquadra das Dorotéas para que, conjuntamente com a esquadra ingleza, ataque as costas... e a barriga da ilha Heligoland, que, segundo diz ali o Snr. Pinto e Lemos, fica situada na Xina.

CARTAS

I

Meu bom amigo

COMEÇO hoje a escrever-te porque até agora não estive para maçadas porque nestes tempos tão bicudos estão expressamente prohibidas.

Qual será o assumpto d'esta? Nem eu mesmo sei qual ha-de ser. Ah! *Eureka!*

Quando rebentou a grande guerra a minha constante preocupação era a leitura dos jornaes. Eu lia e relia tudo com uma tão extraordinaria atenção que chegava a decorar todas aquelas fabulas. Hoje, já os não leio. A principio muitos combates, muitos prisioneiros de parte a parte e milhões de mortos.

Os jornaes traziam todos os dias um numero fabuloso de baixas efectuadas nos mais insignificantes combates em que não entravam nem os grandes canhões que a engenharia applicou ás destruições dos nossos semelhantes, nem a quimica para a asfixia nas trincheiras. Recorri ás estatisticas e comecei a tirar dos habitantes de cada paiz beligerante aquelle numero de mortos que os jornaes até então traziam.

Sabes qual foi a minha simples conclusão?!— Que a guerra era por pouco tempo, porque a morrerem soldados em tão grande quantidade, dentro em pouco já não haveria combatentes. Como eu, muitos fizeram e talvez que os autores da fabula, porque quando falam em mortos e prisioneiros não indicam o seu numero.

Pois meu caro, apesar de tantas mortes, etc., a grande guerra continua e continuará ainda. Isto não é fundado; não passa de uma opinião barata como essas que vemos nos cronistas de hoje.

Continua a sciencia no campo da carnificina, é a auxiliar infalível e predilecta d'esses guerreiros, famigerados carneiros do

século XX. Mas com que irritante e nojenta enfase eles falam do século XX, do progresso, da electricidade!

Sim eles teem razão quando assim falam, porque são os efeitos da electricidade. A estrada que trilham e que eles chamam do progresso, é fortemente iluminada a electricidade e é tal a intensidade d'essa iluminação que os faz enganar. Falam então do século XX com toda a alma, quando não é mais que o começo do retrocesso ao barbarismo, e falam tambem do progresso...

Mas a luz electrica é tão forte que lhes ofusca a vista, fazendo com que eles chamem ao vergonhoso acto de retroceder veozmente, avançar na estrada do progresso!

E' dever do homem voar no caminho que encetou.

Retroceder vertiginosamente é tambem progredir.

Eles teem razão... O século XX é o século do verdadeiro progresso... no retrocesso. Até rimou.

Estamos perto dos tempos de Atila e lá nos encontraremos todos.

Por hoje não te maço mais
Crê na amizade sincera do teu amigo:

INFELIZ.

Guimarães, Outubro de 1916.

Olhos

(Ao F. Pereira Mendes)

OLHOS pretos, seductores,
Meigos, ternos, de veludo,
Mimosos, encantadores,
Valem muito, valem tudo!

Olhos azuis, ciumentos,
Abstratos, divinais,
Sedentos d'amor sedentos,
Valem muito, muito mais!...

Porto—1916.

NOVAIS TEIXEIRA.

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

SECÇÃO LITERARIA

A' Tarde

Hora da Tarde,
Hora da Saudade!

Lá longe, sobre o mar, brilham ainda as faixas encarnadas que o sol, na sua passagem, parece ter pintado a largas pastadas de tinta.

Num misterioso afago de Bem-Amada, começa a acariciar-nos a aragem da tarde; e uma suavíssima luz de violeta diluída na última claridade do dia, envolve toda a natureza, penetrando até ao nosso coração...

Adoça o aspecto sombrio das arvores, collocando-as num fundo lindamente esbatido; e um moínho que demora no cabeça dum monte, escuro e distante, dá na contra luz, a impressão duma imagem enorme de Nossa Senhora, que tivesse por manto as velas brancas que o zéfiro move lentamente.

Pela fita clara e lisa da estrada, que mais parece um rio visto ao luar e zig-zagueia graciosamente por entre milharais razos e silvedos em flor aqui e além cortados por alas de carvalhos engrinaldados de heras, — ranchos de raparigas passam, cantando, de volta do S. Felix.

Passam! E depois dêsses vultos terem desaparecido na primeira curva, já sem côr, como manchas, as últimas palavras da sua canção:

Quando abres os teus olhos
Parece que nasce o dia!

chegam, trazidas pela brisa, já como um murmúrio, abafadas pelo hino triunfal que as cigarras cantam à Tarde.

Torna-se a luz violeta mais triste, mais difusa em noite. Tremeluzem as primeiras estrelas. E' a Tarde que foge, deixando a minha alma, que só ela compreende, à mercê do vento perfumado de resina e urze, vagueando pela fita clara da estrada, — que serpenteia por entre milharais,

silvedos em flor e canções de cigarras...

Oh Tarde! Oh minha Hora!
Leva-me contigo!

C. DIOGO MACHADO.

Cancioneiro

II

O mendigo

Ao Eduardo Passos:

Sou mendigo da desgraça
Não tenho nada de meu;
Por leito as pedras da rua,
Por manto estrellas do céu.

Assim rôto, esfarrapado,
Exposto á chuva e ao vento,
Vou percorrendo caminhos
Em busca do meu sustento.

E' triste mas muito triste
Ser assim um desgraçado;
Não ter carinhos de mãe
Viver sempre abandonado.

Passo noites ao relento
A lastimar minha sorte,
E assim ando neste mundo
Anciando a negra morte.

Vem depressa ó companheira
De tão grande desventura,
Vem livrar-me d'esta dôr
Que minh'alma me tortura.

Ai quam feliz eu seria
Se me viesses buscar;
Só assim acabaria
Este meu triste penar.

Guimarães, outubro de 1916.

A. F. F.

Interrogações

à minha amiguinha M. O. L.

Porque a minha amiguinha é alta,
de olhos vivos que sob o azeviche
dos cabelos lhe refletem a côr;
porque tem as faces feitas de pedacitos
de faces de crianças, tão assetinadas
como os labios que somente o Minho
sabe compôr no leito entre os ardôres
do estio e as tépidas aragens dos salgueirais

primaveris; porque dá a ideia de quanta atrapalhacão teria um artista para esculpturá-la se alguém tentasse desenhar-lhe os contornos; porque lhe paira, como a vacuidade dum peito de saudades entumecido, um sorriso brando e dôce á flôr dos labios mal desprezados ainda para a arte dos... «beija flôres»; porque lhe distingo a quietude casta dum coração romântico que, embora tente comprehender as realidades do século, lhe repugna aceita-las com todos os *cortezãos* que pagam cavalos de alto preço para lhe fazerem *rendez vous* montados; porque a conheço e somos e seremos sempre amigos pela jura volátil que lá foi, mas que dizia ao sahir da cidade «eternamente juntos», lembrou-me, para meu melhor conhecimento, preferi-la a outras e perguntar-lhe: — A mulher que ama uma vez, que ama muito, que jura amor, poderá deixar de amar, ou ser-lhe ha facil trocar o objecto desse amor sem que mais se lembre dele?

Se eu fosse mulher não a interrogaria; teria a resposta dentro de mim mesmo. Assim, como homem, não comprehendendo nada das intimas construções femininas, ser-me-há grato lançar no *caruel* dos meus peculios singulares esta observação duma jovem alta da alta.

Creio que toda a creação do meu sexo é como eu.

Pouco me valeu correr a Hespanha á procura do esquecimento. A recordação tirou bilhete para o mesmo compartimento do comboio e assentou-se á mesa do mesto hotel. Tanto me seguiu que desconfiei dela e fugi-lhe. Para onde? Não digo porque a minha amiguinha o sabe; no entanto, vim encontrar a recordação em pessoa um milhão de vezes mais saudosa que me perdera de vista e viera até casa. Vi-a... Ela viu-me... Não me seguiu... Tive de a seguir a ela!

Serão assim todas as mulheres?!

AMARO.